

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

NATÁLIA FERNANDES DE ALMEIDA

**ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO:
ESTIMULANDO OS PROFESSORES NA PERCEPÇÃO DA PRÓPRIA
SUBJETIVIDADE**

CONSELHEIRO LAFAIETE – MINAS GERAIS

2015

NATÁLIA FERNANDES DE ALMEIDA

**ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO:
ESTIMULANDO OS PROFESSORES NA PERCEPÇÃO DA PRÓPRIA
SUBJETIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação Pedagógica para Profissionais de Saúde - CEFPEPS, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Anésia M. F. Madeira

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFMG

ALMEIDA, NATÁLIA FERNANDES DE
ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: ESTIMULANDO OS PROFESSORES NA PERCEPÇÃO DA PRÓPRIA SUBJETIVIDADE [manuscrito] / NATÁLIA FERNANDES DE ALMEIDA. - 2015.
23 f.
Orientador: Anésia Moreira Faria Madeira.
Monografia apresentada ao curso de Especialização em Formação de Educadores em Saúde - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem, para obtenção do título de Especialista em Formação Pedagógica para Profissionais de Saúde
1.Psicologia. 2.Subjetividade. 3.Professor. 4.Escola. I.Madeira, Anésia Moreira Faria. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Enfermagem. III.Título.

Natália Fernandes de Almeida

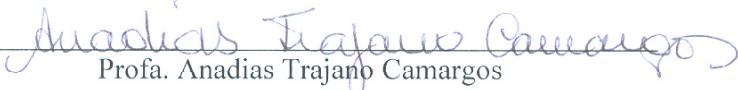
**ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO:
ESTIMULANDO OS PROFESSORES NA PERCEPÇÃO DA PRÓPRIA
SUBJETIVIDADE**

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização de Formação Pedagógica para Profissionais de Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do Certificado de Especialista.

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Anézia Moreira Faria Madeira (Orientadora)



Profa. Anadías Trajano Camargos

Data de aprovação: **06/07/2015**

RESUMO

O trabalho da Psicologia Escolar na instituição de ensino, além de outras funções é auxiliar os professores nas dificuldades relacionadas ao processo de ensino aprendizagem, sugerindo técnicas psicológicas atreladas às pedagógicas, as quais são capazes de estimular os professores a tornarem-se mais autônomos. O psicólogo, ao intervir na instituição escolar com o olhar voltado para as questões subjetivas dos professores, poderá ajudá-los a perceber seus medos, angústias e incertezas, oferecendo a eles apoio e atenção permanente. Esse profissional contribui de certa forma para a melhoria nas relações com as pessoas em geral, principalmente com aquelas que fazem parte de seu cotidiano de trabalho. Além disso, poderá estimular os professores em seu processo de ensinar, sugerindo novas diretrizes, enfatizando o diálogo, a ética, e a valorização de si e de seus alunos como sujeitos de sua ação. Assim sendo, este trabalho objetiva, por meio de uma proposta de intervenção, estimular os professores do Instituto Educacional Lisboa, Carandaí, Minas Gerais, a perceberem sua própria subjetividade por meio da intervenção do Psicólogo. A proposta de intervenção passará pelas seguintes etapas: apresentação da proposta para direção e coordenação do Instituto Educacional Lisboa; construção das entrevistas psicológicas; entrevistas com o corpo docente; análise das entrevistas e Intervenções Grupais (Grupos de Encontro); e avaliação. Nesse contexto, estimular a percepção das subjetividades dos professores na Instituição faz-se necessário, pois ajudará na reflexão sobre si e sobre as práticas sociais nas quais estão engajados.

Palavras-chave: Psicologia; Subjetividade; Professor; Escola.

ABSTRACT

The Educational Psychology Work in the Educational Institution, beyond other functions, is helping teachers in the difficulties related to the process of Learning Education, suggesting psychological techniques linked to pedagogical ones, being able to stimulate teachers to become more autonomous. When the psychologist steps in the Educational Institution with the view turned to subjective questions of educational subjects, it can help them realize their fears, distresses and uncertainties, offering them permanent support and attention. It contributes, anyway, to improve people relation in general, mainly those who are in their day-by-day work. Besides, it can stimulate teachers in the teaching process, suggesting new guidelines, emphasizing the dialogue, the ethics and valuation itself and their students as the subject of his action. Thus, this work aims, through an intervention proposal, stimulate teachers of Lisboa Educational Institution, Carandaí, Minas Gerais, to realize their own subjectivity through the psychologist intervention. The intervention proposal will have the next steps: proposal presentation to the direction and coordination of Lisboa Educational Institution; psychological interviews constructions; interviews with the faculty; interviews analysis and Group Interventions (Groups Meeting); and evaluation. In this context, it's necessary to stimulate the teachers subjectivity perception in the institution because it will help in the reflection on itself and in the social practices in which they are engaged.

Key Words: Psycholog; Subjectivity; Teacher; School.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos ao meu pai, que sempre ensinou a importância dos estudos como um dos maiores bens na vida e ao Instituto Educacional Lisboa, pela oportunidade de trabalho, estimulando o crescimento profissional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PROBLEMATIZAÇÃO DA SITUAÇÃO.....	9
3 JUSTIFICATIVA.....	10
4 DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE ESTUDO.....	11
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
5.1 A atuação do Psicólogo Escolar: trabalhando as subjetividades dos professores.....	12
5.2 A educação permanente na Escola.....	15
6 PÚBLICO ALVO.....	18
7 OBJETIVO.....	18
8 METODOLOGIA.....	18
9 CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES.....	20
10 ORÇAMENTO DA PROPOSTA.....	20
11 RECURSOS MATERIAIS.....	20
12 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA PROPOSTA.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

O Plano Nacional de Educação traz o incentivo à melhoria da qualidade da educação, com formação para o trabalho e cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade, com valorização dos profissionais da educação (BRASIL, 2014).

No processo de construção dos sujeitos a educação é reconhecida como importante etapa para formar contextos adequados para que professor e aluno possam se tornar autônomos. Autonomia é a emancipação das opressões que restringem ou anulam a liberdade de determinação, e conquistar a própria autonomia implica em libertação das estruturas opressoras. A autonomia deve ser conquistada e construída a partir de decisões, das vivências e da própria liberdade dos sujeitos (FREIRE, 2011).

Para tal, é necessário que as instituições de ensino representadas por seus funcionários, em especial os professores, busquem estimular a conquista da autonomia, por meio da valorização das subjetividades. Com isso o processo ensino aprendizagem acontecerá de forma recíproca, sedimentado no respeito, na ética e na valorização do professor e do aluno como sujeitos de suas ações.

Corroborando Freire (1987), a educação deve ser uma troca de conhecimento entre professor e aluno, onde a realidade em que se vive deve ser utilizada para exemplificar os temas propostos no plano de estudo da escola, investigando a vida dos alunos a fim de praticar um ensino libertador. É necessário que o professor construa a sensibilidade para a escuta e o diálogo entre ele e o aluno/instituição, mantendo relações éticas e exercitando a autonomia do sujeito.

Para Rogers (1972), qualquer grupo tem em si um potencial terapêutico. Esses grupos não precisam ter um tempo longo estabelecido, mas sim como característica a previsão de seu início e seu término. Destinam-se mais as pessoas que possam ter alguma problemática existencial, mas que não interfere de forma intensa, ou altamente paralisadora, no seu comportamento.

A reflexão crítica da própria prática é fundamental, pois senão a teoria vira apenas palavra e a prática, ativismo. Só existe ensino autêntico quando o educador pensa certo. Mas só pode ensinar certo quem pensa certo. Muitos professores não apresentam uma certeza de suas certezas. O ensino certo é o que se pensa certo para si mesmo primeiro e quando este resulta em aprendizado onde o aprendiz se torna capaz de recriar o que aprendeu, tornando-se um ser autêntico (FREIRE, 2011).

Ser professor, de acordo com o Módulo VI do Curso de Especialização de Formação Pedagógica para Profissionais de Saúde – CEFPEPS, da Escola de Enfermagem da UFMG (UFMG, 2014), é exercer uma prática crítica e reflexiva, sem excluir ou separar a própria totalidade; é realizar mediações possíveis dentro da relação com o aluno e seu mundo. É uma relação interpessoal, apoiado na própria personalidade, ajudando na construção da personalidade do aluno.

2 PROBLEMATIZAÇÃO DA SITUAÇÃO

A partir da experiência profissional da autora deste trabalho como Psicóloga em uma instituição educacional, na cidade de Carandaí, MG, observou-se situações complexas enfrentadas pelos coordenadores em relação a alguns comportamentos dos professores, como falta de energia; desânimo; queixumes frequentes; fadiga; falta de criatividade nas atividades escolares e desinteresse por elas; dentre outros. Temos observado que essas atitudes interferem direta ou indiretamente no aprendizado e no comportamento dos alunos, e de certa forma limita a autonomia de todos os sujeitos envolvidos.

De acordo com Silva (2006), este comportamento apresentado pelos professores é chamado de Síndrome de *Burnout*. Esta síndrome é caracterizada por ser o ponto máximo do estresse profissional; pode ser encontrada em qualquer profissão, mas em especial nos trabalhos em que há impacto direto na vida de outras pessoas, principalmente em profissionais da área da saúde e da educação em função de estarem diretamente ligados às relações humanas que exigem do trabalhador a afetividade.

O termo *burnout* traduzindo do verbo inglês “*to burn out*”, quer dizer queimar-se por completo, consumir-se. Burnout em professores, segundo Carlotto e Palazzo (2006), afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos, levando esses profissionais a um processo de alienação, desumanização e apatia, ocasionando problemas de saúde, absenteísmo e intenção de abandonar a profissão.

Algumas vivências particulares angustiam os indivíduos, além de se sentirem frustrados em relação ao que fazem. Isto faz com que tenham que carregar um peso por toda a vida, e a forma de conviver com esta situação é sublimá-la. Como forma de ajudar os professores nas próprias descobertas pessoais e profissionais e como reagem a elas, um dos caminhos, para Freud, é uma educação sem que o docente renuncie a si mesmo (OLIVEIRA,

2008). Para que compreendam as crianças e adolescentes precisam primeiro percebê-las com as características esperadas em suas específicas idades, e compreender-se a si mesmo.

Frente ao exposto, questionamos: “*Como estimular o professor a perceber sua própria subjetividade?*”

3 JUSTIFICATIVA

O trabalho da Psicologia Escolar na instituição de ensino, além de outras funções é auxiliar os professores nas dificuldades relacionadas ao processo de ensino aprendizagem, sugerindo técnicas psicológicas atreladas às pedagógicas, sendo capazes de estimular os professores a tornarem-se mais autônomos.

A autonomia é liberdade de determinação, representada nas decisões tomadas, com valorização das próprias subjetividades. As relações de ensino e aprendizagem entre professores e alunos devem acontecer de forma recíproca e para que a autenticidade seja construída é necessário respeito, ética e valorização dos alunos por parte dos professores. A escuta e o diálogo na relação professor aluno reflete diretamente no aprendizado, por sua vez no comportamento dos alunos. A prática docente deve envolver o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar, com reflexão constante, para que o corpo docente perceba de que forma de fato a conduz dentro do processo ensino aprendizagem (FREIRE, 2011).

De acordo com Fajardo; Minayo; Moreira (2013), a estimulação ao corpo docente é fundamental para criarem e/ou reavivarem o sentido de resiliência neles mesmos, comunicando-se de forma a criar elos com os alunos, com capacidade de responsabilizarem-se pelas próprias ações, conhecendo erros e superando-os; suportando as adversidades e permitindo o crescimento de todos.

Neste contexto, estimular a percepção das subjetividades dos professores na Instituição faz-se necessário, pois ajudará na reflexão sobre si e sobre as práticas sociais nas quais estão engajados.

Assim, é de extrema importância atuar junto ao corpo docente da Escola, ajudando-o a perceber alguns motivos individuais e sociais que geram os comportamentos indesejados apresentados; estimulando os professores ao entendimento com relação à própria vida e suas particularidades. Com isso ocorrerá oportunidade da tomada de consciência e autonomia sobre suas ações, melhorando a autoestima e a forma de enfrentamento no dia-a-dia.

4 DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE ESTUDO

A cidade de Carandaí está localizada entre as cidades de Barbacena e Conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais. A cidade é pequena, com aproximadamente 28 mil habitantes.

Existem muitas Escolas Municipais espalhadas pela cidade, no centro urbano e na zona rural, bem como Escolas Estaduais e apenas uma Escola da Rede Privada, o Instituto Educacional Lisboa (IEL). Muitos professores, tanto do Ensino Fundamental e Médio quanto de Cursos Profissionalizantes, realizam dupla jornada de trabalho, o que talvez possa gerar consequências na prática profissional.

O Instituto Educacional Lisboa foi fundado em 1998, com o objetivo de oferecer serviços educacionais de qualidade. É uma escola da rede privada, sendo mantido pela Sociedade Instituto Educacional Lisboa Ltda., e é conveniado com o Sistema de Ensino Positivo. Possui uma área de 3100m², e está situado nas proximidades da área central da cidade. O Instituto foi criado com o propósito de atender a educação infantil, o ensino fundamental séries iniciais e finais e o ensino médio (IEL, 2012).

A proposta pedagógica da escola visa assegurar a unidade escolar e a diversidade dos seus integrantes, para tal atem-se às normas legais vigentes e à ética profissional. O Instituto tem como Missão formar cidadãos autônomos, solidários, competentes, capazes de analisar e interpretar a realidade visando o bem-estar pessoal e coletivo do ser humano, e preservando o equilíbrio do meio ambiente. Tem como Visão ser um centro educacional de referência, inovador em suas propostas pedagógicas e na formação de cidadãos críticos, conscientes e preparados para ingressar nas melhores universidades (IEL, 2011).

Para promover o crescimento dos profissionais, geralmente a direção da Escola indica aos professores cursos oferecidos pelo Sistema de Ensino adotado; e realiza reuniões com o grupo de professores visando discutir estratégias metodológicas, trocar experiências e debater sobre os problemas da instituição.

Com relação à infraestrutura da Escola esta possui nove salas de aula com capacidade para 30 alunos; salão de eventos, onde se realizam palestras, reuniões, festas em datas comemorativas, gincanas, dentre outros; sala de vídeo e de atividades lúdicas; salas para coordenadores e direção; salas de professores; sala de reunião; biblioteca; cozinha; banheiros; pátios cobertos com disposição de mesas para refeição e para prática de jogos diversos; quadra esportiva; área verde gramada; parquinho infantil; e estacionamento. Atualmente a Escola conta com 225 alunos matriculados e 30 professores em exercício. O horário de funcionamento é de 7:00 às 17:00, de segunda à sexta-feira.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 A atuação do Psicólogo Escolar: trabalhando as subjetividades dos professores

Uma das funções do psicólogo na Escola, de acordo com a Resolução nº 5, de 15 de Março de 2011 é atuar nos processos educativos, diagnosticando necessidades dos indivíduos que fazem parte desse meio, planejando melhores condições de trabalho, e realizando procedimentos que envolvam o processo de educação e de ensino aprendizagem através do desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores de indivíduos e grupos em distintos contextos institucionais em que tais necessidades sejam detectadas (BRASIL, 2011).

O papel do psicólogo escolar, de acordo com Gomes (2013), é, também, mostrar aos professores, baseando-se na psicologia sócio-histórica, sua importância na ajuda da construção da subjetividade dos alunos. Assim, suas atitudes, afetos, comportamentos os ajudarão nas próprias construções como pessoas. As subjetividades dos indivíduos são formadas através de uma relação dialética entre subjetividade e objetividade. Para Vigotski, citado por Alves (2014), a construção da subjetividade se dá através da apropriação do significado social e da atribuição de sentido a eles. Assim, a maneira como os outros se relacionam conosco é apropriado por nós quando atribuímos os sentidos a isso.

Lomônaco (1999) comenta sobre os que esperam do psicólogo uma atuação mais técnica nas escolas, avaliando as capacidades dos alunos, os que se atentam aos determinantes sociais e institucionais. Outros esperam que o psicólogo se atente à dinâmica da instituição e não apenas nas aplicações de testes e laudos psicológicos, mas voltados ao trabalho dos professores, procurando entender e explicar as expectativas dos mesmos com relação aos alunos, facilitando o trabalho interdisciplinar, atuando muito mais junto do professor do que apenas no trabalho de avaliação dos alunos.

O trabalho realizado pelos professores dentro das salas de aula favorece o desenvolvimento psicológico em vários aspectos sociais, afetivos e cognitivos. Muitos autores contemporâneos, conforme Gaspar e Costa (2011) comentam sobre a importância da afetividade dentro da sala de aula e a relação do professor e do aluno com relação à construção da personalidade do aluno. A afetividade torna-se ainda uma possível ferramenta do trabalho do psicólogo escolar, quando este reconhece tal elemento como direcionador de práticas difundidas no espaço da sala de aula. Dessa forma o psicólogo escolar pode utilizar técnicas, ampliando e explorando o trabalho com os processos afetivos, o que possibilita

intervenções de caráter preventivo, criativo, estimulante e interdisciplinar no desenvolvimento do sujeito.

De acordo ainda com Gaspar e Costa (2011), a atuação atual do psicólogo escolar pode emergir de conflitos de ordem afetivo emocional, como o estresse, o desinteresse etc, envolvendo não só alunos, mas professores e outros funcionários da escola, tendo a consciência do caráter do contágio das emoções, a fim de que se possa trabalhar com essas reações e mobilizações de uma forma mais positiva e interventiva, para os sujeitos do ponto de vista individual, quanto na dinâmica coletiva.

Apesar do estresse se originar do cotidiano, para Gomes (2006) este problema tende a tornar-se mais significativo quando associado ao tipo de atividade que exercemos em nossas vidas, em especial, com relação ao trabalho dos professores; uma profissão que exige do profissional dedicação, criatividade, e paciência. O excesso de trabalho, de acordo com Silva (2006), redonda tensão entre o trabalho em geral, prazeroso, transformador e o trabalho capitalista, que pela exigência da produção causa aumento de tensão no trabalhador e o desprazer pelo que realiza. Esse caráter do trabalho docente permite tanto reafirmar o espaço da consciência e da subjetividade e, portanto, o poder do trabalhador, quanto cada vez mais diminuir o espaço de intervenção do mesmo, com a crescente mercantilização dos serviços educacionais e a flexibilização das relações de trabalho.

Essa tensão apresenta-se em forma de desinteresse diante de muitas atividades curriculares, podendo gerar, para Gomes (2006), o desenvolvimento de sentimentos negativos, como insatisfação e desmotivação, que na prática se manifestam pela diminuição da qualidade das atividades desenvolvidas em sala de aula, dificultando o exercício profissional consciente e autônomo.

Assim, as reações apresentadas por parte do professor à sua ocupação tendem a ocorrer quando este se sente incapaz de controlar as condições de trabalho; quando ele não encontra meios para melhorar tal situação e quando não dispõe de qualquer fonte de apoio que o ajude a enfrentar os problemas da docência. Diante disso a satisfação profissional diminui, bem como o comprometimento com os objetivos e tarefas profissionais também, e dificuldades físicas e mentais aparecem (GOMES, 2006).

De acordo com Aita e Facci (2011) a compreensão de subjetividade como uma propriedade do sujeito ativo é um fator que o torna único. O homem constrói sua essência em sua existência, em seu trabalho, nas suas relações sociais. Todo indivíduo desenvolve características humanas à medida que internaliza o trabalho social, o modo de pensar e agir

cristalizado na sociedade na qual está inserido. Sem o processo de transmissão de conhecimento e de comunicação, seria impossível o processo histórico.

A subjetividade para Silva (2006) primeiramente é intersíquica, com as atividades coletivas e sociais, para depois ser intrapsíquica, com propriedades internas dos indivíduos. Dessa forma, entende-se subjetividade como todas as funções sociais vividas pelos sujeitos e internalizadas ao longo da vida. Parte da natureza do trabalho subjetivo prestador de serviço, é uma das condições que podem trazer sofrimento e não realização, se não for adequadamente enfrentada tanto pelo professor, quanto pelas formas saudáveis de organização do trabalho. É interessante que o professor se perceba na própria subjetividade e como vem se apresentando nas relações de trabalho.

O trabalho subjetivo aliado a fatores oriundos de todas as formas de assalariamento (baixos salários, intensificação, estresse, medo de perder emprego, autoritarismo e outros), pode causar a síndrome da desistência, que envolve esgotamento emocional, desenvolvimento de atitudes negativas em relação ao trabalho, falta de envolvimento pessoal no trabalho e assim por diante, se não estiver coerente às percepções intra e interpessoais com relação ao mesmo (SILVA, 2006).

Entender o conflito entre a possibilidade de transformação social do trabalho do professor e as limitações que lhe são impostas e seu olhar e reação diante disso, particularmente a partir das novas formas de materialização do trabalho no âmbito da reestruturação produtiva, pode gerar o desconforto observado.

De acordo com Silva (2006) quando o profissional opta por usar uma linguagem acadêmica que não está ao alcance dos alunos, causa outra dificuldade que se acrescenta às que o próprio conteúdo já traz. É necessário que o aluno possa compreender o que está sendo dito e proposto pelo professor, mas para isso o professor precisa transmitir o conhecimento de forma consciente e autônoma.

É imprescindível sensibilizar estes profissionais para que se tornem mais efetivos no estabelecimento de condições favoráveis à criatividade na sala de aula. Mas para isso é fundamental estimular o crescimento, a expansão e a expressão das habilidades do professor, ajudando-o na construção de um ensino com respeito, ética e valorização dos indivíduos como sujeitos de suas próprias ações e de um autoconceito positivo.

De acordo com Kupfer (1998) ninguém aprende nada sozinho. No contexto escolar existe uma relação entre professor e aluno, onde geralmente alguém fala e ensina através de livros, mas também existe um diálogo interior entre o aluno e algo que é fruto de sua imaginação; uma espécie de diálogo com si próprio.

O aprendizado ocorre quando existe relacionamento professor e aluno e o professor só consegue transmitir conhecimento se autorizado e acreditado pelo aluno. Para Kupfer (1998) o aluno que ouve o professor deu um lugar especial a ele em sua vida, desta forma o professor consegue influenciá-lo.

A psicanálise dá importância à relação entre docente e discente e as condições que esta fornece à aprendizagem. A relação professor-aluno apresenta para Kupfer (1998), o que se pode chamar de “transferência” em que impulsos e fantasias são despertados e tornados conscientes pelo aluno em sala de aula. Por exemplo, substituindo características dos pais, ou figuras importantes, pela pessoa do professor, tudo de forma inconsciente. Diante disso, o aluno pode transferir um sentimento, que antes era direcionado a seu pai, para a figura de um professor. É uma situação interessante, porém complexa, pois o professor também carrega seus próprios desejos inconscientes. Desta forma é necessário que o professor compreenda seus próprios desejos para construir uma atuação autêntica, permitindo e percebendo os desejos dos alunos, favorecendo a construção de sujeitos ativos e conscientes.

Nesse caso o psicólogo, ao intervir na instituição escolar com o olhar voltado para as questões subjetivas dos sujeitos educativos, poderá ajudá-los a perceber seus medos, angústias e incertezas; oferecendo-os apoio e atenção permanente, valorizando-os afetivamente. É contribuir de certa forma para a melhoria nas relações com as pessoas em geral, principalmente com aquelas que fazem parte de seu cotidiano de trabalho. Além disso, poderá estimular os professores em seu processo de ensinar, sugerindo novas diretrizes, enfatizando o diálogo, a ética, e a valorização de si e de seus alunos como sujeitos de sua ação.

5.2 A educação permanente na Escola

De acordo com Massaroli e Saupe (2005), em 1980, por inspiração freireana, o conceito de Educação Permanente é ampliado e orientado para enriquecer a essência humana e suas subjetividades em qualquer etapa de sua existência. Em estudos recentes é possível observar a ampliação do conceito voltado para a área da saúde, reconhecendo que só será possível formar trabalhadores que se ajustem às constantes mudanças por meio da aprendizagem significativa, que prevê que o conhecimento deve ser construído, considerando as novidades e o que já se tem como consolidado.

Ainda de acordo com Massaroli e Saupe (2005), Educação Permanente é considerada como a educação no trabalho, pelo trabalho e para o trabalho nos diferentes serviços cuja finalidade é melhorar a saúde da população. É a capacidade de se remodelar frente às

incensáveis mudanças ocorridas na sociedade. É a atualização cotidiana das práticas, contribuindo para a construção de relações e processos que emergem do processo de trabalho na instituição.

De acordo com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (BRASIL, 2009), a capacitação é uma das formas mais usadas para enfrentar os problemas de desenvolvimento dos serviços de saúde, e também, conforme a prática, em educação. Mas, a capacitação desenvolve-se sob a influência de uma grande variedade de dificuldades institucionais, ideológicas e culturais, que antecipam e determinam o espaço dentro do qual a capacitação pode operar seus limites e possibilidades. Dificuldades como, por exemplo, a simples aplicação de métodos e técnicas pedagógicas, a visão de educação como apenas um meio para alcançar um objetivo específico, a ideia de imediatismo, uma educação que ocorrerá melhorias rápidas, a baixa discriminação de problemas a superar e a tendência de atuar com a lógica de começo e fim; deixando muitas vezes de fortalecer a permanência de estratégias educativas em longo prazo.

A proposta de educação permanente, para Thiollent (2015), não se limita a um procedimento e sim à importância que se dá ao significado do conteúdo da experiência vivida, para que os alunos não se reduzam meros receptores de informações. O educador não é apenas o que instrui, mas também aquele que educa; educar não é apenas formar, mas plasmar o homem de amanhã.

Segundo Paschoal; Mantovani e Méier (2007), a educação permanente é baseada no aprendizado contínuo; é condição necessária para o desenvolvimento do sujeito, para o seu aprimoramento, direcionando-o à competição pessoal, profissional e social, como uma meta a ser seguida para toda a vida. A educação permanente é um compromisso pessoal a ser aprendido, conquistada com as mudanças de atitude decorrentes das experiências vividas, por meio das relações com os outros, com o meio; é o desenvolvimento pessoal potencializado, para promover a própria capacitação, adquirindo novos conhecimentos e o mais importante, atitudes.

Existem treinamentos que são fundamentais para a aquisição de técnicas de trabalho, mas isso é pontual e pode ser suprido com facilidade. Interessante também é olhar para a educação e o trabalho, sem separação, onde um produz o outro, com efeitos importantes tanto para a construção da competência do professor, quanto para a expressão de seu lugar enquanto sujeito ético-político produtor de cuidado, que impacta o modo de viver do outro, material e subjetivamente constituído, o aluno, no caso, individual ou coletivo (MERHY, 2005).

A Educação Permanente resulta da necessidade do contínuo aprimoramento profissional e de reflexões sobre a própria prática pedagógica. O tipo de prática de educação, para Merhy (2005), com o posicionamento necessário ao modo de encarar a construção das próprias ações, reafirma a importância do lugar do trabalhador como protagonista efetivo deste processo. Todo o processo que esteja comprometido com a questão da Educação Permanente tem de ter a força de gerar no trabalhador, no seu cotidiano, transformação de sua prática; o que implicará capacidade de problematizar a si mesmo no agir, pela geração de problematizações.

6 PÚBLICO ALVO

O público alvo desta proposta são os professores que lecionam no Instituto Educacional Lisboa, município de Carandaí, Minas Gerais.

7 OBJETIVO

Estimular os professores a perceberem sua própria subjetividade por meio de intervenção do Psicólogo.

8 METODOLOGIA

Inicialmente a Proposta de Intervenção será apresentada à Coordenação e Direção do Instituto Educacional Lisboa, sensibilizando-as sobre sua necessidade diante da própria demanda institucional. O corpo docente receberá informações sobre a proposta, seu objetivo e como será desenvolvida.

1º passo: Profissional de Psicologia construirá Entrevistas Psicológicas a serem realizadas com o Corpo Docente, visando percepção das Subjetividades do mesmo, a fim de perceber também suas demandas e não apenas as da instituição. Subjetividades essas que podem interferir negativamente no trabalho cotidiano, muitas vezes dificultando-o.

2º passo: Após a confecção das Entrevistas Psicológicas, estas serão realizadas na sala de professores, em horários vagos agendados previamente com a coordenação e cada professor, e terão duração de cerca de 40 minutos. O psicólogo utilizará também técnicas de

observação e diálogo. As entrevistas versarão sobre os temas *Afetividade e Trabalho, Interesses Pessoais e Trabalho, e Educação Permanente*.

3º passo: As entrevistas serão analisadas pelo Profissional de Psicologia, onde este perceberá a principal demanda subjetiva do corpo docente, a fim de estimular suas necessidades. Neste caso, serão programadas 4 (quatro) Intervenções Grupais (grupos de encontro) em uma sala de aula da Instituição, com duração de 1 hora e 30 minutos, utilizando a técnica de dinâmicas de grupo, de acordo com a demanda percebida e a realidade dos indivíduos, possibilitando assim momentos de diálogo, reflexão individual e grupal e a oportunidade de transformação de suas realidades.

De acordo com Schmidt (2011), Carl Rogers (1972) afirma que os Grupos de Encontro acentuam as capacidades dos indivíduos para as relações interpessoais, enfatizando o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação nessas relações. Por meio de um processo experiencial, os Grupos de Encontro estimulam as funções terapêuticas, integrando, ao mesmo tempo, dimensões afetivas e cognitivas das experiências dos participantes. Assim, os grupos oferecem a possibilidade de expressão das necessidades e dos desejos dos indivíduos, ao invés de apenas se focarem nas necessidades das instituições. Por isso, se uma pessoa receia as mudanças, receia os grupos de encontro, pois é isso que eles proporcionam.

Para Rogers (1972), citado por Schmidt (2011), alguns dos efeitos dos Grupos de Encontro são: apoderamento dos sentimentos, atualização do eu, autodeterminação, compromisso e direção interiores, autoaceitação e autoestima, congruência entre o eu percebido e o eu ideal, confiança, maior aceitação dos outros, com maior competência para o trabalho em equipe. Os Grupos de Encontro acabam sendo versão grupal da Psicoterapia, pois é um espaço da vida social que se destaca da vida comum por suas características positivas com relação à possibilidade de expressão emocional compartilhada de pessoas. Ainda conforme Schmidt (2011) todo o grupo se mantém de pé adquirindo uma consistência e uma permanência, graças à imagem durável e estável que ele se dá a si mesmo.

Para o desenvolvimento de cada etapa serão utilizados recursos materiais e físicos da própria instituição.

9 CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

ANO 2015	Jun	Jul	Ago	Set	Out
AÇÕES					
Apresentação da Proposta de Intervenção para a Direção e Coordenação do Instituto Educacional Lisboa e Construção das Entrevistas Psicológicas.	x				
Entrevistas com o Corpo Docente.		x			
Análise das Entrevistas e Intervenções Grupais (Grupos de Encontro)			x	x	
Avaliação					x
Feedback dos resultados					x

10 ORÇAMENTO DA PROPOSTA

Os custos despendidos com esta proposta de intervenção serão de responsabilidade do Instituto Educacional Lisboa (IEL).

11 RECURSOS MATERIAIS

Para realização da proposta de intervenção é necessário data-show, computador, multimídia, quadro acrílico, material de escritório, dentro outros, conforme a demanda apresentada.

12 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA PROPOSTA

Após cada intervenção serão analisados comportamentos individuais e grupais, bem como pontos importantes a serem trabalhados nos encontros seguintes.

Por fim ocorrerá análise de todo o trabalho realizado e a devolução dos resultados percebidos ao corpo docente, direção e coordenação da instituição.

REFERÊNCIAS

AITA, E. B.; FACCI, M. G. D. Subjetividade: uma análise pautada na psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista**, v.17, n.1, Belo Horizonte, abr.2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005> Acesso Abril 2015.

ALVES, Daniela Cristina Brock. **Aprendizagem profissional, subjetividade e projeto de vida: uma análise do discurso de jovens participantes do programa de adolescente aprendiz**. Curitiba, 2014. Disponível em <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/files/2014/12/Daniele-Alves-disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em Junho 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de educação permanente em saúde**. Brasília, DF, 2009. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_saude.pdf> Acesso Maio 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 5, de 15 de Março de 2011**. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia. Disponível em <http://www.cref14.org.br/boletin/rces005_psicologia.pdf>. Acesso Maio 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação - PNE. **Lei nº 13.005 de 25 de Junho de 2014**. Disponível em <<http://fne.mec.gov.br/images/doc/pne-2014-20241.pdf>>. Acesso 30 Novembro 2014.

CARLOTTO, M. S.; PALAZZO, L. S. Síndrome de *burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.5, p.1017-1026, mai./2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n5/14.pdf>> Acesso Abril 2015.

FAJARDO, I.; MINAYO, M. C.; MOREIRA, C. Resiliência e prática escolar: uma revisão crítica. **Revista Educação Sociedade**, Campinas, v.43, n.122, jan./mar. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000100012&lang=pt> Acesso 21 Março 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Ed.43, São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASPAR, F. D. R.; COSTA, T. A. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. **Revista Psicologia Escola Educação (Impr.)**, Maringá, v.15, n.1, p.121-129, jun.2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso Maio 2015.

GOMES, A. R. Instituto de Educação e Psicologia. Problemas e desafios no exercício da actividade docente: um estudo sobre o estresse, “burnout”, saúde física e satisfação

profissional em professores do 3º ciclo e ensino secundário. **Revista Portuguesa Educação**, v.19, n.1, p.67-93. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2006 Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0871-91872006000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso Abril 2015.

GOMES, C. B. O papel do psicólogo escolar. Portal Educação. **Conhecimento para mudar sua vida**. 2013. Disponível em <<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/48516/o-papel-do-psicologo-escolar>> Acesso Maio 2015.

INSTITUTO EDUCACIONAL LISBOA. **Proposta pedagógica. IEL**: Carandaí, MG. 2011.

INSTITUTO EDUCACIONAL LISBOA. **Regimento escolar. IEL**: Carandaí, MG. 2012.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1998.

LOMÔNACO, J. F. B. Psicologia e educação: hoje e amanhã. **Psicologia Escolar Educacional** (Impr.), Campinas, v.3, n.1, p.11-20, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571999000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso Maio 2015.

MASSAROLI, A.; SAUPE, R. Distinção conceitual: educação permanente e educação continuada no processo de trabalho em saúde. **Revista Associação Brasileira Enfermagem**. Disponível em <www.abennacional.org.br/2SITE/Arquivos/N.045.pdf> Acesso Maio 2015.

MERHY, E. E. O desafio que a educação permanente tem em si: a pedagogia da implicação. **Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu/SP, v.9, n.16, set. 2004, /fev. 2005. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832005000100015&script=sci_arttext> Acesso Maio 2015.

OLIVEIRA, A. C. M. Freud e a educação. **Revista Iniciação Científica FFC**, Marília, SP, v.8; n.2, p. 239-248, 2008, Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/220/192>> Acesso 30 Novembro 2014.

PASCHOAL, A. S.; MANTOVANI, M. F.; MÉIER, M. J. Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino. **Revista Escola Enfermagem USP**, São Paulo, v.41, n.3, set.2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342007000300019&script=sci_arttext> Acesso Abril 2015.

ROGERS, C. R. **Grupos de encontro**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

SILVA, M. E. P. Burnout: por que sofrem os professores? **Estudos Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, v.6, n.1, 2006. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br>> Acesso 1 Dezembro 2014.

SCHMIDT, M. L. S. Utopia, teoria e ação: leitura das propostas grupais na abordagem centrada na pessoa. **Psicologia Ciências Profissão**, Brasília, v.31, n.3, p.628-639, 2011.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300014&lng=en&nrm=iso> Acesso Junho 2015.

THIOLLENT, M. A educação permanente segundo Henri Desroche. **PróPosições**, v.23, n.3(69), p.239-243, nov./dez. 2015 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072012000300017&script=sci_arttext> Acesso Abril 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Enfermagem. Curso de Especialização em Formação Pedagógica para Profissionais de Saúde - CEFPEPS. **Avaliando a Prática Educativa em Saúde**. Módulo VI. CAED: UFMG, 2014.